



ISSN 2268-493X

ISSN en ligne 2268-4948

## Eduardo Lourenço – Portugal e os labirintos da Europa<sup>1</sup>

**Jorge Costa Lopes**

Universidade do Porto (ILCML), Portugal

jorgecosta22lopes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2448-7605>

Reçu le 08-10-2021 / Évalué le 28-11-2021 / Accepté le 13-12-2021

### Eduardo Lourenço - Le Portugal et les labyrinthes de l'Europe

#### Résumé

Nous avons l'intention de suivre, de manière succincte, la réflexion d'Eduardo Lourenço sur l'Europe, en analysant quelques images du Portugal en Europe et de l'Europe au Portugal qui surgissent dans de nombreux textes qu'il publie depuis les années quatre-vingt, notamment depuis l'entrée du Portugal, en 1986, dans la Communauté Economique Européenne. D'après Eduardo Lourenço, penser l'Europe et la mythologie européenne est, simultanément un exercice avec autant de lumières et d'ombres que de célébration et de désenchantement. Son essai consacre encore une place pertinente à la France, pays où il a vécu pendant des décennies, et à sa vocation universalisante, en tant que miroir mythique de l'Europe et, surtout, du Portugal.

**Mots-clés :** Portugal, Europe, France, Culture

### Eduardo Lourenço - Portugal e os labirintos da Europa

#### Resumo

Pretendemos acompanhar, de forma sucinta, a reflexão de Eduardo Lourenço sobre a Europa, analisando algumas das imagens de Portugal na Europa e da Europa em Portugal que surgem nos muitos textos que publica a partir da década de oitenta, nomeadamente desde a entrada de Portugal, em 1986, na Comunidade Económica Europeia. Pensar a Europa e a mitologia europeia é, simultaneamente, na perspetiva de Eduardo Lourenço, um exercício com tanto de luzes e sombras como de celebração e desencanto. O seu ensaísmo consagra ainda um lugar relevante à França, país onde viveu durante décadas, e à sua vocação universalizante, enquanto mítico espelho da Europa e, sobretudo, de Portugal.

**Palavras-chave:** Portugal, Europa, França, Cultura

### Eduardo Lourenço - Portugal and the labyrinths of Europe

#### Abstract

We intend to follow, briefly, Eduardo Lourenço's reflection on Europe, analysing some of the images of Portugal in Europe and of Europe in Portugal that arise in many texts he has published since the 1980s, specially since the entry of Portugal,

in 1986, into the European Economic Community. Thinking about Europe and the European mythology is, at the same time, from Eduardo Lourenço's perspective, an exercise with as much light and shadows as celebration and disenchantment. His essay also dedicates a relevant place to France, the country where he lived for decades, and to its universalizing vocation, as a mythical mirror of Europe and, specially, of Portugal.

**Keywords:** Portugal, Europe, France, Culture

*É, por fim e sobretudo, difícil pensar a Europa a partir da Europa*  
Edgar Morin

*Politicamente, a Europa é, no mais optimista dos casos, uma virtual Suíça sem nenhum Guilherme Tell lá dentro. Em suma, um continente sem o mínimo de identidade política que possa ser assumida como uma nação. Sobra-lhe uma identidade cultural. Ou antes, uma pluralidade de identidades. É a sua riqueza e a sua fragilidade.*

Eduardo Lourenço

## Portugal e a Europa como cultura<sup>2</sup>

Num ensaio de 1987, Eduardo Lourenço assinala que não encontramos, na tradição e na cultura portuguesas, os chamados “grandes europeus” como “Romain Rolland, Thomas Mann, André Siegfried, Benedetto Croce, Ortega y Gasset, Denis de Rougement” (Lourenço<sup>3</sup>, 1994: 49). Ora, atualmente esta ilustre galeria deverá incluir, no nosso entender, o nome do argonauta do pensamento português e europeu que é Eduardo Lourenço, europeísta convicto que pensa a Europa com paixão e desencanto, sentimentos dicotómicos que espelham, afinal, a “*cultura de sombras e de luzes*” (1992: 10) deste continente. Os muitos ensaios que consagra à Europa englobam os vários tempos políticos, religiosos, civilizacionais e culturais europeus, em conjugação com um maior e mais obsessivo questionamento sobre Portugal e a sua célebre “imagologia”, conceito surgido em *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português* (1978) e respeitante ao “*discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado*” (2001a: 18), imagens nascidas sob o domínio do paradigma literário e mitológico. Eduardo Lourenço tornou-se, aliás, nas suas palavras, no “poeta desta paixão por Portugal” (in Letria 2014: 33). E se nem sempre os escritores são os melhores intérpretes da sua própria obra, tal não sucede, em nosso entender, com o autor de *Pessoa Revisitado*, como verificamos no desenvolvimento da citada afirmação: “Infelizmente eu não sou poeta, mas, enquanto ensaísta, uma das minhas preocupações fundamentais foi e é a

de compreender este país, adivinhá-lo, viver com ele, partilhar o seu passado e partilhar o seu presente e, de algum modo, tentar adivinhar, feito falsa Cassandra, de que forma este país é um milagre contínuo” (*ibidem.*).

Deste modo, Eduardo Lourenço vem interpretando, desde o livro de estreia, *Heterodoxia I* (1949), mais concretamente desde o primeiro ensaio aí incluído, “Europa ou o diálogo que nos falta”, a imagem de Portugal na Europa transpirenaica e a inversa, isto é, a imagem dessa *outra* Europa no nosso país que observa, por vezes, como uma espécie de “ilha” ao largo do tempo e da *Grande Europa*, cujo “povo messiânico” (1994: 154), pelo mundo inteiro camonianamente repartido - sem crises de identidade e outrora “supereuropeu” -, é comparado ao judaico, pois nem lhe falta o seu Livro sagrado ou *breviário: Os Lusíadas*. Já o nosso diálogo ou a falta dele com a Espanha sugere-lhe, por razões históricas e culturais, uma imagem diferente (até porque estamos perante dois países com uma idêntica matriz cultural), a qual não se cansará, igualmente, de questionar. Será, porém, “a partir de meados dos anos Oitenta do século passado” (Lima, 2013: 131) que o seu ensaísmo dedicará uma atenção que diríamos ininterrupta à Europa<sup>4</sup>. Daqui em diante serão constantes os textos a equacionar a relação entre nós e a Europa e a Europa e nós. De igual modo, outros ensaios refletirão, embora em menor número, o relacionamento entre as nações ibéricas. Detetamos ainda, na sua extensa bibliografia, vários originais consagrados à posição da Europa face aos Estados Unidos da América e ao Islão, nomeadamente após a queda do Muro de Berlim (1989) e a Guerra do Golfo (1990-1991). Isto sem esquecermos a relevância, num outro registo de fascinação e desilusão no seu ensaísmo, do nosso diálogo ou, uma vez mais, da sua ausência, com o Brasil.

Regressando a “Europa ou o diálogo que nos falta”, texto com ecos de Antero de Quental e António Sérgio, diremos que o está aí em causa é sobretudo o atraso e o desfasamento, à época, da cultura portuguesa, considerada “marginal” por comparação com a que vinha sendo apresentada na *Grande Europa*. Para sair dessa posição faltava-nos, internamente, a contradição e a dúvida, fatores-chave para o êxito do diálogo com os países da Europa transpirenaica. Mas, para esse efeito, seria imprescindível obter-se as condições para “a primeira e fundamental das exigências do espírito europeu” (1987:12): a liberdade. Ora, neste período histórico, a cultura portuguesa mantém-se sob apertada vigilância do regime salazarista, como denuncia Eduardo Lourenço - facto nem sempre referido nos muitos estudos que abordam este seu primeiro e célebre ensaio dedicado à Europa -, apesar dos contributos válidos de António Sérgio e da *Presença*. Na realidade, se nos séculos XVII e XVIII, a “História europeia, enquanto «história da liberdade» à maneira de Hegel e dos seus discípulos portugueses do século XIX, não entrava nas nossas visões” (1994: 149), em 1949,

essa «história da liberdade» é como que rasurada pelo regime político e como tal sentida por uma parte importante da *intelligentsia* portuguesa. As luzes da dúvida e da inquietação que iluminam o diálogo cultural e livre na Europa transpirenaica não chegam, por esta altura, como sabemos, a Portugal, nem chegarão tão cedo.

Em “A ‘Chaga do Lado’ da cultura portuguesa” (1962), Eduardo Lourenço contesta, entretanto, em moldes controversos, um artigo de José Régio sobre a ausência da cultura portuguesa *lá fora* - com notória incidência em França<sup>5</sup> - discordando que seja responsabilidade ou má-fé do estrangeiro não debater nem celebrar a cultura portuguesa como nós, xenófilos, o fazemos com o que nos chega do outro lado da Península Ibérica (uma vez que tal preocupação não se coloca, por ora, em relação à cultura do país vizinho que permanece praticamente invisível aos nossos olhos e a nossa aos dos espanhóis). A residir em França, o autor de *Heterodoxia I* sente mais, na sua opinião, porque duplamente, essa indiferença do estrangeiro pelas *nossas coisas* do que os escritores, como Régio, que não vivem fora do país de Camões:

*Dentro de portas essa «ferida» é uma dor meio-aconchegada no lar de uma ferida comum e um pouco inventada como tudo quanto se deve às coisas ausentes. Lá-fora é pão duro sem água consoladora, silêncio de pobre diante da vitrina de rico que jamais será a dele, e que fosse, sem condão de matar uma fome aprendida cedo nos degraus da pequena casa abandonada* (2004: 106).

A cultura e a literatura portuguesas precisam, quase sempre, como sabemos, de serem reconhecidas *lá fora* para passarem a *ser vistas* e apreciadas *cá dentro*. Aqui reside o nosso *drama*, na medida em que a então débil, porque quase invisível, presença da cultura portuguesa no estrangeiro, mascara uma outra e mais importante questão: “não a de que os outros nos vejam ou não, mas a de que nós nos vejamos a nós mesmos. Ora se há no mundo cultura distraída de si mesma é a nossa” (*idem*: 127). Nestas palavras percecionamos, em caracteres *sibilinos*, um autor desencantado com o silêncio que se abate em Portugal, neste momento - e continuará a abater até à publicação de *O Labirinto da Saudade* (1978) -, sobre os seus ensaios publicados até à data. Num outro texto entende ainda que talvez seja da nossa responsabilidade o facto de o livro que *inventou* Portugal, *Os Lusíadas*, não ser mais conhecido nas montras europeias como verdadeiramente merece, pois caso entrássemos na Europa “tout nus, le plus européen de tous les poèmes suffirait à nous vêtir” (1994: 102). O caso português não é, contudo, inédito, já que tantos outros países europeus mantêm uma idêntica irrelevância nos palcos da Europa *maior* ou *Europa-Europa*. Mas “não se levam laranjas para Setúbal”, como gosta de afirmar, ou seja, não se levam facilmente para o estrangeiro “mais ou menos «originais» do que algures se encontra já formulado com superior perfeição” (2004: 112).

O *incrível* ano de 1998, com a inauguração da ponte Vasco da Gama, a Exposição Internacional de Lisboa (Expo 98) e, em especial, a atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago, irá alterar, substancialmente, o olhar europeu sobre as *nossas coisas*. Reconhecimento iniciado em 1991, na Europália (Bélgica), e que prossegue, em 1997, na Feira do Livro de Frankfurt, uma e outra com Portugal como país-tema. Acerca desta última, destaca Eduardo Lourenço: “Em todos os sentidos e em todos os domínios, a antiga «grande Europa» onde nos não víamos e nos não via aproximou-se de nós, e o povo da margem-fronteira de mundos que tanto nos custava ser e nos exaltava aproximou-se «dessa» Europa” (1997: 19). Por essa razão, dá por encerrado, em 2001, e com a entrada de Pessoa na célebre biblioteca La Pléiade, “o nosso velho exercício caseiro de nos supormos marginalizados em matéria de existência cultural e das suas miragens” (2016: 122).

De qualquer modo, o projeto europeu só pode ser constituído, na visão lourençiana, como projeto essencialmente cultural. Assim, se “não houver *Europa como cultura* e enquanto a não houver, todos os outros sucessos europeus repousarão sobre areia” (1994: 162), o mesmo é dizer que todos os eventuais êxitos europeus no plano económico e político serão sempre insuficientes se não forem acompanhados do *sucesso cultural*. Tal desiderato não se fará, todavia, à boleia de uma cultura de museu ou de Disneylândia, mas sim de uma cultura “intimamente problemática como foi sempre a nossa de europeus” (*idem*: 163), isto é, com um grau de exigência pouco consentâneo com os desmandos lúdicos e de fácil contentamento por uma cultura-espetáculo com centro nos Estados Unidos da América e periferia na Europa. Porque nada mais radicalmente ameaçador para a Europa, como sublinha George Steiner, do que “a maré detergente, exponencial, da língua anglo-americana e a uniformidade de valores e de imagem do mundo que esse esperanto devorador transporta consigo” (Steiner, 2017: 48). A cultura europeia deve, pois, alimentar o turbilhão de ideias que, segundo agora Edgar Morin, emerge no Renascimento como “*fervura dialógica permanente*, suscitando um aparecimento ininterrupto de ideias, de teorias, de aspirações, de sonhos, de formas, que vão entreassociar-se como um turbilhão” (Morin, 1988: 66-67). O mesmo Morin que, contrariamente a Steiner, entende que a “Europa não corre nenhum risco cultural em que o inglês se torne a sua língua principal de comunicação” (*idem*: 156). Mas para o filósofo e ensaísta português, “personne ne peut imposer *une langue* à l’Europe. Même si un jour elle se met à parler l’« anglais » (américain), ce ne sera pas l’effet d’un quelconque impérialisme américain mais d’une défaite interne de la «culture européenne», au sens le plus radical de l’expression” (1994: 191).

No que concerne à nossa presença cultural junto da *outra* Europa, torna-se imprescindível, na análise de Eduardo Lourenço, não se deixar conduzir pela habitual

burocracia do Estado, na qualidade de principal responsável pela sua divulgação no estrangeiro, facto que limitará a autonomia dessa matéria estratégica e vital que é o diálogo da cultura portuguesa com a *Grande Europa*:

*Quando essa realidade (...) existir, a nossa presença cultural no estrangeiro, que não dependa só da nossa vontade de comunicar, mas também do interesse dos outros em nos escutar, encontrará o seu estatuto de diálogo natural. Naturalmente presente por conta de si mesma, terá menos necessidade de ser «cultura de representação», em excesso obcecado pelo olhar dos outros e, sobretudo, pela ideia que nós queremos que os outros façam de um «nós» que, no fundo, é ninguém. (1991: 6).*

### Algumas imagens de Portugal e da Europa

Eduardo Lourenço observou que a Geração de 70 - a primeira a aprofundar, no nosso sismógrafo caseiro, o trauma da decadência portuguesa face à Europa desenvolvida, sobretudo face à França, espelho maior, no século XIX, para a contemplação da nossa *menoridade* - “*amou Portugal com um amor infeliz, como são afinal os verdadeiros grandes amores*” (1992: 10). Pegando nestas palavras, diremos que também o autor de *O Esplendor do Caos* amou a Europa com um amor *infeliz*, entre a “*paixão de compreender*” (1976: 9) a mitologia e a utopia europeias e o desencanto por não existir “uma autêntica paixão europeia” (2001: 131) no discurso e na retórica europeus.

A entrada de Portugal na Comunidade Europeia, em 1986, cauterizou a ferida deixada em aberto, *sem discussão* interna, pela perda do império colonial após a Revolução de Abril de 74. A partir daqui os portugueses deixam de “estar imaginariamente sós” (2001: 101). Em 1975, Eduardo Lourenço descrevia-nos como “um país sem nenhum álibi histórico, entrincheirado na sua confinada faixa atlântica, sem possibilidades de sonhar outro sonho que o seu próprio europeu, caseiro” (1975: 108). E acrescentava: “Somos e estamos na Europa e num dado espaço europeu e não noutra, sem que isso nos vincule mecanicamente ao estatuto sócio-cultural médio do contexto ocidental” (*idem*: 112). Não podíamos, pois, voltar as costas à Europa como fizemos noutras ocasiões da nossa História e após quase cinquenta anos “de marginalização mental pseudo-nacionalista, mas nele incluídos treze anos de delírio africanista” (*ibidem*). A construção europeia formou-se, aliás, para fazer frente ao Bloco de Leste e para que os reflexos e ambições nacionalistas fossem cada vez menos uma realidade neste continente. Nacionalismos que “têm sido o pesadelo da Europa” (Steiner, 2017: 47) e parecem ganhar força nos últimos anos. Na realidade, após a queda do Muro de Berlim, essa grande muralha europeia ou

linha Maginot a dividir duas Europas e duas civilizações ocidentais, constroem-se cada vez mais muros reais e simbólicos, abalando o “carácter precário do estatuto europeu” (Lourenço, 2001:134).

Com duas e suicidárias Grandes Guerras Mundiais, passando pelo conflito do Suez (1956), onde a Inglaterra e a França remataram, de forma medíocre, “a aventura colonial, colonizadora e colonialista que fizera da Europa o centro do mundo” (2001: 70), e pela Guerra do Golfo (1990-1991) - conflito marcado por razões essencialmente económicas, a apontar para o fim das ideologias no Ocidente, e metamorfoseado, para o autor de *Crónicas Quase Marcianas*, em “segundo Suez da Europa”, - a Europa perde o seu papel axial no concerto do mundo e começa um período de subalternização face ao poderio dos Estados Unidos da América. Ora, o burlesco disto tudo reside no facto de a Inglaterra e a França terem intervindo, na Crise do Suez, “pelas mesmas razões que levaram os Estados Unidos a intervir agora no Golfo” (2001: 72). Em 1956, foram, portanto, os Estados Unidos (em concertação, *hélas*, com a União Soviética) que *obrigaram* aqueles dois países europeus - os quais acompanharão, mais tarde, os norte-americanos na Guerra do Golfo - a recuar nos seus propósitos economicistas e bélicos. Não esqueçamos ainda que o juízo americano que condenou Hussein pela invasão do Kuwait, “não mobilizou ninguém quando Saddam Hussein gaseou os (...) curdos ou invadiu o Irão” (2001: 97). Europa e Estados Unidos que haveriam de sofrer, poucos anos após a Guerra do Golfo, como assinalou Eduardo Lourenço - num ensaio escrito, assinale-se, no início deste conflito -, as consequências trágicas do ressabiamento dos povos islâmicos provocado pela humilhação infringida aos iraquianos:

*São em parte, mas só em parte, imprevisíveis, as consequências de uma fatal vitória de Bush sobre Saddam Hussein que é também de certo modo vitória do Ocidente. Pelo menos assim será lida pelas massas fanatizadas, ou não, do mundo islâmico e, provavelmente, do Terceiro Mundo. O «tempo» islâmico é um tempo longo. (...) É de temer que tenha sido um gesto inútil e que daqui em diante a espiral do ressentimento islâmico se transforme num pesadelo para o mundo ocidental como se voltássemos, de tapete voador, aos tempos de Saladino ou Solimão II (idem: 72)<sup>6</sup>.*

Amin Maalouf, pelo seu lado, recorda-nos que, após a Segunda Guerra Mundial, as forças ocidentais, com os Estados Unidos à cabeça, iniciaram um combate sem tréguas aos regimes comunistas, justificando, em inúmeras ocasiões, o descrédito dos valores humanistas do próprio Ocidente, porque desse combate resultaram várias alianças com as mais sinistras forças do mundo árabe, inclusive as que irão hostilizar, no futuro, e de forma violenta, o Ocidente:

*Non parce qu'elles [les puissances occidentales] ont combattu avec acharnement leurs adversaires marxistes ou tiers-mondistes - cela, on pourrait difficilement le leur reprocher; mais parce qu'elles ont instrumentalisé avec cynisme les principes universels les plus nobles, au service de leurs ambitions et de leurs avidités; et, plus que cela encore, parce qu'elles se sont constamment alliées, particulièrement dans le monde arabe, aux forces les plus rétrogrades, les plus obscurantistes, celles-là mêmes qui allaient un jour leur déclarer la plus pernicieuse des guerres. (Maalouf, 2019: 240)*

O atentado às torres gémeas, em 11 de setembro de 2001, seguido de outros atentados terroristas perpetuados na Europa, em particular em Espanha, Inglaterra e, mais recentemente, em França<sup>7</sup>, parecem corroborar, em moldes trágicos, estas reflexões de Eduardo Lourenço e Amin Maalouf.

Ortega y Gasset - filósofo, ensaísta e europeísta muito citado por Eduardo Lourenço -, numa conferência proferida em Berlim, em 1949, intitulada “De Europa mediatio quaedam”, deixou, contudo, uma nota de esperança no homem europeu então saído da mais mortífera das guerras da humanidade:

*Por debajo de los fenómenos superficiales, que se perciben a simples vista - la penuria económica, el confucionismo político - el hombre europeo comienza a emerger de la catástrofe y gracias a la catástrofe! Pues conviene advertir que las catástrofes pertenecen a la normalidade de la historia, son una pieza necesaria en el funcionamiento del destino humano. Una humanidad sin catástrofes caería en la indolencia, perdería todo su poder creador. (Ortega y Gasset, 1965: 252)*

Num texto mais antigo (1910), o filósofo espanhol observava, entretanto, que a sua Espanha invertebrada “es una posibilidad europea. / Sólo mirada desde Europa es posible España” (Ortega y Gasset, 1966: 138). Décadas passadas, mais especificamente em 1988, Eduardo Lourenço observará, sobre a *entrada* de Portugal na Europa: “Agora, não só *estamos* na Europa, para onde *entrámos*, como tão significativamente se diz, como *somos* vistos como europeus (e nos vemos), começando até, em vários países, a ser reconhecidos como «exemplarmente» europeus” (1994: 52). Por isso, sublinhará, num outro texto, com alguma ironia, que hoje temos de reinventar - e, com isso, acrescentamos nós, atenuar a nossa *hiperidentidade* -, a “barca que nos leve à única Índia que nos assegura a sobrevivência” (2016: 143) e que se chama Europa.

## **Nós e a França ou o diálogo assimétrico**

Desde muito jovem que Eduardo Lourenço se deixa fascinar pela cultura do país de Montaigne, nisso se distinguindo, no tempo da sua passagem pela Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Ciências Histórico-Filosóficas, dos companheiros

neorrealistas, mais atentos ao que lhes chega do Brasil e dos Estados Unidos, em concreto ao realismo social da literatura destes países. Daqueles anos de Coimbra, o autor de *Heterodoxia I* confessou já o fascínio por Valéry e a sua “grande paixão por Charles Péguy (...) que comecei a ler muito cedo” (in Piedade, 2015: 255). E por ter residido muitos anos em França, é, por vezes, visto como o nosso *estrangeirado*, qualificativo que tanto lhe desagrada<sup>8</sup>, atendendo às conotações negativas que representam, do seu ponto de vista, o titular como privilegiando a cultura estrangeira em detrimento, por rejeição ou distanciamento, da nacional.

Em vários ensaios, Eduardo Lourenço questiona e analisa o papel político, histórico, social e cultural da França no passado e no presente: “a França foi confundida com a «Europa por excelência». (...) *Espelho da Europa durante os quatro últimos séculos, não admira que nela outras culturas se tenham criado para sentir não só a sua diferença, mas, de algum modo, o seu grau de «européismo»*” (2001: 21). A Europa é “em grande parte não só «criatura» da mesma França, mas na sua já concreta existência, *realidade francesa*” (*idem*: 119), ou seja, “ pilar central da sua construção e sujeito histórico original da «ideia europeia»” (*idem*: 168), É igualmente o país-protótipo da “*cultura europeia como cultura da liberdade*” (*idem*: 23) e da “*mediação por excelência*” (1994: 130). A literatura francesa transmuda-se mesmo, para nós, portugueses, como Eduardo Lourenço assinala num ensaio de 1984, “*l'exemple même de la littérature-pensée.*” (*idem*: 119). Daí que “*notre dette avouée ou inconsciente envers la France fut surtout une dette de pensée*” (*idem*: 120). A França perfila-se inclusive como uma espécie de *território de escuta* para muitos autores portugueses dos séculos XIX e XX. Eduardo Lourenço também se questiona e reflete sobre o declínio francês como centro da cultura europeia e ocidental, declínio que acompanha o da Europa e, inversamente, uma certa visibilidade e consequente reconhecimento de Portugal nos salões europeus culturalmente mais evoluídos: “*Il est peut-être oiseux de se demander si c'est l'étoile-France qui a pâli ou le Portugal-étoile qui s'éveille. Nous vivons de plus en plus dans un univers leibnizien. Chaque monade chante sa proper chanson, convaincue qu'en chacune d'elles, on entend le chant du monde*” (*idem*: 118). Por isso, pergunta: “*Est-elle vraiment finie, l'histoire de nos anciennes et hautes amours avec la France et son magique miroir littéraire?*” (*Idem*: 116).

Curiosamente já havia referido, em 1972, em entrevista de Mário Mesquita, a possibilidade de diminuirmos as assimetrias entre os dois países, se estabeleçêssemos um diálogo mais *realista* com a cultura francesa, resultado da desejada *europeização* de Portugal:

*Quanto ao diálogo com a França, que é o nosso diálogo substancial do ponto de vista cultural desde há uma centena de anos, é um diálogo que nós vivemos um pouco na ficção, porque não é um verdadeiro diálogo, porque não há*

*correspondência verdadeira entre as duas realidades. Nós sonhamos, inventamos a França que, realmente, não nos sonha nem nos inventa. Estou convencido que a aceleração da europeização vai fazer com que os portugueses adquiram sobre eles mesmos uma perspectiva mais sã do que aquela que nós possuímos actualmente, de maneira a que captemos a nossa diferença, a nossa originalidade, mas não em termos puramente fictícios ou de sonho (in Mesquita, 1996: 64).*

Ainda sobre as imagens e as relações assimétricas entre Portugal e a França na fragmentada e vasta reflexão lourenciana, gostaríamos de realçar o facto de associar a perda de fulgor e uma certa *banalização* da imagem do mítico Hexágono no nosso país desde o momento em que os emigrantes portugueses nele se instalaram:

*Cela peut sembler excessif, mais je le crois vrai : le phénomène émigration a éloigné la France de nous - en tant que référence exclusive de notre culture, du rôle magique exemplaire qu'elle jouait chez nous. (...) Quoi qu'il en soit, tout s'est passé comme si l'émigrant, et, plus largement, la culture émigrante, avait banalisé chez nous l'image de la France, en la tirant, pour ainsi dire, vers le bas (1994: 181).*

Acrescentaremos, quanto a este tema, que face à míngua de romances sobre a emigração portuguesa, Eduardo Lourenço enriquece, na nossa opinião, este capítulo da história portuguesa, com vários ensaios e análises sobre os nossos emigrantes, outrora chamados, em França, “soutiers de l’Europa” (1994: 178). Não se confunda, contudo, a gesta da emigração com a das Descobertas. Porque apesar de serem ambas uma “aventura de pobre”, a realidade é que a última é uma aventura imperialista, na vontade de conquista e expansão, enquanto a primeira tornou-se uma aventura *dolorosa*, já que saímos, como pobres, “de casa para servir povos mais ricos e organizados do que nós.” (2001a: 124), mesmo que esta aventura se tenha traduzido, tantas vezes, num resultado *feliz*.

Ainda em relação à importância da França no ensaísmo lourenciano, lembremos que o texto simbolicamente intitulado “A Europa desencantada ou o fim do sonho europeu” - o qual está na origem do título do próprio livro em que se inclui -, debate o referendo ao Tratado de Maastricht no país de Victor Hugo. Nele, o autor formulava a sua enorme apreensão caso os franceses recusassem Maastricht - o ensaio foi escrito no próprio dia do referendo - o que não veio a suceder por uma margem mínima.

## **O século XXI ou Portugal e a Europa no labirinto**

A crise financeira de 2008 e o resgate pedido por Portugal, em 2011, trouxeram de volta - pela primeira vez desde a entrada na Comunidade Económica Europeia e dos anos eufóricos que culminaram no incrível ano de 1998 - a imagem de um país

decadente, subdesenvolvido e de *mão estendida*. Imagem agravada com o facto de a *outra* Europa, nomeadamente a próspera e soberba do Norte, nos olhar com superior sobrançeria e um certo desprezo, como se fôssemos o Magreb deles, oferecendo-nos um espelho em que nos mirámos para descobrir, como diagnosticava Eduardo Lourenço, num texto de 1978 - ironicamente atual nos anos que se seguem ao referido resgate financeiro -, um “povo de pobres com mentalidade de ricos”, ou seja, um “povo em que se exemplifica o sublime triunfo do princípio do prazer sobre o princípio da realidade” (2001a: 132) e em que vários êxitos se combinaram “para produzir o fenómeno pasmoso de alimentarmos a máquina económica com o dinheiro dos outros, gasto alegremente como se fosse nosso” (*idem*: 135). E se culpados não existem, o povo é, porém, e como sempre acontece nessas ocasiões, chamado a pagar:

*Culpados* não existem, e sobretudo entre quem parecia lógico que o fosse. Todavia alguém terá de pagar, cedo ou tarde, o preço que a aparência exige para ter um mínimo de realidade. Esse alguém é bem conhecido: chama-se povo, o povo que efectivamente trabalha e para quem, como escrevia Goethe, a maioria das revoluções que se fazem em seu nome não significam mais que a possibilidade de mudar de ombro para suportar a costumada canga (*idem*: 135).

Mas há algo de singular nesta crise financeira do século XXI, segundo Eduardo Lourenço: “Um pouco à força os pobres deste mundo são convidados a salvar os ricos que programaram como *gangsters* intocáveis o caos universal. Versões do mundo às avessas já havia muitas. Esta é inédita” (2009: 9). Crise que criou um novo capítulo na história da emigração portuguesa, pois já não são maioritariamente os iletrados e camponeses de outrora que emigram neste começo de século, mas sim os jovens qualificados e cidadãos.

Atualmente, a Grande Europa debate-se com o trágico destino dos imigrantes que assolam o seu espaço, chegados de África e da Ásia, problema este apontado por Eduardo Lourenço, em 2001, como o maior que o continente europeu, transmutado no Eldorado desses povos, enfrentaria nos tempos mais próximos. O que se tem vindo, como sabemos, dramaticamente a confirmar:

*O grande problema de fundo é a atracção que exerce este espaço - onde há emprego, bem-estar e sucesso - para todas as outras culturas mais carentes, que estão longe de ter tudo isso. Se pudesse, a África inteira desembarcava em Málaga, Marselha ou qualquer cidade italiana. E, em parte, acaba por desembarcar. Como se fôssemos o novo Eldorado. (...) Ora a Europa não tem hoje a capacidade de integrar os imigrantes, como há meio século fazia. Não só porque essa imigração é, tendencialmente, maciça, como também porque é*

*muito heterogénea - com propensão maior ou menor para essa integração, mas muito diferente. Curiosamente, as reacções mais fortes contra os imigrantes pertencem a povos que tiveram vocação emigrante no passado: Portugal, Espanha, Itália. Este é o problema número um que a Europa vai ter de enfrentar no futuro mais próximo (in Rodrigues, 2001: 13).*

Terá, assim, chegado o momento de o continente europeu ser *descoberto* pelos povos de outros continentes, numa espécie de colonização às avessas que provoca, sobretudo nos países mais desenvolvidos do Norte e Centro da Europa, mais procurados pelos imigrantes, outros desafios, reflexões e preocupações sobre o futuro da Europa.

Apesar do desencanto com a deriva europeia, apesar de todos os períodos mais sombrios vividos pela União Europeia, Eduardo Lourenço - que se autodefiniu, um dia, como um “místico sem fé” - não abdica, todavia, da sua paixão pela Europa, porque se todos os erros e acertos na construção da união europeia parecem encorajar os eurocéticos, têm em simultâneo o condão de motivar aqueles que, como ele, acreditam numa Europa plural e no futuro da ideia e do sonho europeus:

*Ao mesmo tempo, encorajará os que sempre souberam que esta Europa, hoje banhada de um certo desencanto - que nada prova que provenha da sua construção, antes tudo leva a crer que provenha das carências dela -, não será nunca «a pátria do Sol» mas um espaço de conflito e mera casa precária, obstinadamente construída por todos os que crêem que a Europa tem ainda um futuro. Não radioso, mas simples e assumidamente europeu (2001:172).*

Citemos, por fim, mais esta declaração de fé de um heterodoxo, que cultiva a divisão e se recusa a aceitar os caminhos apresentados como únicos, sobre a mitologia e o destino de Portugal e da Europa:

*Eu sou muito europeísta, de maneira que ainda confio que o destino europeu nos proteja de uma subalternidade definitiva na História que nos ponha fora da História e que a Europa recupere um pouco o papel que foi o seu durante milénios e que Portugal continue a ser o país miticamente sonhado pelos nossos grandes autores, que é fundamentalmente e será sempre o país de Camões (in Letria, 2014: 42).*

## Bibliografia

- Baptista, M.M. 2003. *Eduardo Lourenço - A Paixão de Compreender*. Porto: Edições Asa.
- Letria, J.J. 2014., *Eduardo Lourenço: A História é a Suprema Ficção - Entrevista de José Jorge Letria a Eduardo Lourenço*. Lisboa: Guerra e Paz.

- Lima, J.T. 2013. *Falar Sempre de Outra Coisa*. CEI - Centro de Estudos Ibéricos e Âncora Editora.
- Lourenço, E. 1975. *Os Militares e o Poder*. Lisboa: Arcádia.
- Lourenço, E. 1976. *O Fascismo Nunca Existiu*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lourenço, E. 1987. *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Lourenço, E. 1991. «Cultura em representação». *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 461, 7 de Maio, p. 5-6
- Lourenço, E. 1992. «Eduardo Lourenço: ‘A Europa é pouco para português’», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 522, 7 de Julho, p. 9-10.
- Lourenço, E. 1994. *Nós e a Europa ou As Duas Razões*. 4.ª ed.ª aumentada. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Lourenço, E. 1997. «Portugal na hora de Goethe». *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 705, 22 de outubro, p. 19.
- Lourenço, E. 2001. *A Europa Desencantada - Para uma Mitologia Europeia*, 1.ª ed. Lisboa: Gradiva.
- Lourenço, E. 2001a. *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*. 2.ª ed. Lisboa: Gradiva.
- Lourenço, E. 2004. *Destroços - O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios*. Lisboa: Gradiva.
- Lourenço, E. 2009. «Sob a crise...». *Finisterra - Revista de Reflexão e Crítica*, n.ºs 65/66, Primavera/Verão 2009, p. 9-11.
- Lourenço, E. 2016. *Crónicas Quase Marcianas*. Lisboa : Gradiva.
- Maalouf, A. 2019. *Le Naufrage des Civilisations*. Paris: Grasset.
- Mesquita, M. 1996. *Eduardo Lourenço - Cultura e Política na Época Marcelista - Entrevista de Mário Mesquita*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Morin, E. 1988. *Pensar a Europa*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Ortega y Gasset, J. 1966. *Obras Completas - Tomo I (1902-1906)*. 2.ª ed. Madrid: Revista de Occidente.
- Ortega y Gasset, J. 1965. *Obras Completas - Tomo IX (1960-1962)*. 2.ª ed. Madrid: Revista de Occidente.
- Pedrosa, I. 2004. *Anos Luz - Trinta Conversas para Celebrar o 25 de Abril*. Lisboa: Dom Quixote.
- Piedade, A.N. 2015. *Em Diálogo com Eduardo Lourenço*. Lisboa: Gradiva.
- Rodrigues, A. 2001. «‘EUA são uma criação género Frankenstein’ - entrevista a Eduardo Lourenço». *Jornal de Notícias*, 18 de Maio, p. 13.
- Steiner, G. 2017. *A Ideia da Europa*. Lisboa: Relógio de Água.

## Notes

1. Este artigo foi escrito no âmbito do Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDP/00500/2020).
2. O nosso texto pretende ser uma homenagem a Eduardo Lourenço, falecido em 1 de dezembro de 2020. Homenageamos, assim, o europeísta convicto e o filósofo e ensaísta “simples e sublime” com quem tivemos o privilégio de conversar em diversas ocasiões. Os qualificativos atrás utilizados foram, aliás, por si proferidos quando o acompanhámos à campa do amigo Vergílio Ferreira, durante a apresentação, em Gouveia, no ano de 2015, do programa comemorativo do centenário do nascimento do romancista que se realizaria no ano seguinte. Após contemplar, em silêncio, a pedra de granito retangular somente com os anos de nascimento e falecimento e a assinatura do autor de *Aparição*, Eduardo Lourenço deixou-nos esta frase verdadeiramente lapidar: “Simples e sublime como ele”.

3. Daqui em diante, as citações de Eduardo Lourenço aparecerão somente com a indicação do ano e da página das obras constantes da bibliografia.

4. Maria Manuel Baptista contabilizou “cerca de nove dezenas de ensaios de Eduardo Lourenço dedicados à questão da Europa” (Baptista, 2003: 228), até sensivelmente o primeiro trimestre de 2001. Após esta data, a Europa continuou a ser um dos grandes temas no pensamento lourenciano, pelo que atualmente podemos apontar, com segurança, para mais de uma centena de textos, na sua bibliografia, dedicados à Europa.

5. “Muito lhe devemos culturalmente, à França - que, porém, pagamos em interesse, admiração, carinho. (...) // Ora, a França, como nos paga? Parece que um Fernando Pessoa lá tem hoje um princípio de audiência, que não sabemos que tempo durará. Um ou outro romance nosso já foi traduzido para francês, e é exactamente como se o não fosse: caiu ao poço.” (José Régio, «Nota desagradável», *Comércio do Porto*, 13.3.1962: 5).

6. Mais de uma década decorrida (outubro de 2001) sobre este prognóstico e no seguimento da invasão norte-americana do Afeganistão, Eduardo Lourenço escreve: “A memória americana, sempre à espera do futuro para existir, conta pouco, ao lado de culturas e civilizações milenárias tratadas na mais cega tradição colonialista e imperialista do Ocidente como meros «objectos» da História, só por serem pobres e tecnologicamente atrasados, mas, talvez por isso, mais imunes do que outros à tentação de trocarmos a identidade e a alma por um saco de arroz entre uma panóplia de bombas” (2016: 118).

7. No seguimento da Guerra do Golfo, Eduardo Lourenço assinala que a França poderá estar, findo o conflito, “de novo em condições de desempenhar entre a Europa e o mundo islâmico, a quem tantos laços históricos e naturais a ligam, um papel que ninguém lhe pode roubar” (2001: 89). Teme, porém, “que a cicatriz deixada pelos *Mirage* no deserto da Arábia seja tão difícil de apagar como o sangue nas mãos de Lady Macbeth” (*ib.*).

8. À pergunta de Inês Pedrosa, em entrevista publicada no jornal *Expresso*, de 6 de Dezembro de 1986, se aceitava o “epíteto de «estrangeirado»”, Eduardo Lourenço responde: “Não, não aceito. Fico furioso. Fico desesperado. Vindo de pessoas que não gostam de mim, afecta-me menos, mas sobretudo vindo de pessoas que estão próximas de mim, essa coisa do estrangeirado desespera-me. Não porque não haja uma boa tradição desse conceito em termos culturais, quando ela se aplica a gente como o Verney, o Cavaleiro de Oliveira ou outros. Mas eu não sou - *hé-làs!* (sic) - nem Verney nem Cavaleiro de Oliveira, e não saí do País porque não pudesse radicalmente viver nele. Eu estou no estrangeiro fisicamente. É por esse mesmo facto que estou excessivamente em Portugal.” (*in* Pedrosa, 2004: 104).